



Número: **1015595-88.2022.4.01.3200**

Classe: **AÇÃO CIVIL PÚBLICA**

Órgão julgador: **1ª Vara Federal Cível da SJAM**

Última distribuição : **05/08/2022**

Valor da causa: **R\$ 1.000.000,00**

Assuntos: **Demarcação**

Segredo de justiça? **NÃO**

Justiça gratuita? **NÃO**

Pedido de liminar ou antecipação de tutela? **SIM**

Partes		Procurador/Terceiro vinculado		
Ministério Público Federal (Procuradoria) (AUTOR)				
UNIÃO FEDERAL (REU)				
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI (REU)				
Ministério Público Federal (Procuradoria) (FISCAL DA LEI)				
CONSELHO INDIGENA MURA (TERCEIRO INTERESSADO)		ISABEL FRANKLIN GONCALVES (ADVOGADO)		
ORGANIZAÇÃO DE LIDERANÇAS INDÍGENAS MURA DE CAREIRO DA VARZEA OLIMCV (TERCEIRO INTERESSADO)		ISABEL FRANKLIN GONCALVES (ADVOGADO)		
Documentos				
Id.	Data da Assinatura	Documento	Tipo	Polo
1230222793	22/07/2022 12:58	Doc. 1.2 anexo do relatório - Transcrição da Entrevista com o sr. Jair dos Santos MPF	Documento Comprobatório	Outros interessados

Entrevista com o sr. Jair dos Santos Ezoque, de 83 anos, nascido e criado na aldeia Soares.

**Ministério Público Federal
Procurador Fernando Merloto Soave**

PARTE 1: 20'53

Procurador: Qual é o seu nome?

J.S.E.: Jair.

Procurador: O senhor é nascido e criado aqui no Soares?

J.S.E.: Sim. Aqui mesmo onde eu tô.

Procurador: Quantos anos?

J.S.E.: Tô com 83 anos.

Procurador: Eita, tá forte! Então, estamos aqui na inspeção judicial. Demos uma volta e tudo, para saber como foi essa situação que foi comunicada. A repórter veio aqui com vocês, perguntando como foi esse negócio de vender o terreno e como vocês estão agora, para a gente poder ver como está todo esse processo. Porque o senhor é um, mas parece que tem várias pessoas que venderam. Para entender como está isso?

J.S.E.: Vieram várias vezes aqui. Primeiramente, veio o Tom. Chamavam de Tom para ele. Veio aqui com um documento para mim assinar. Ainda eu disse até pra ele que eu não podia assinar, porque eu não sabia para o que era. Eu tinha que saber qual era o motivo de eu assinar. 'Não, é que nós estamos fazendo aqui uma...', como foi que ele disse? É: 'Fazendo uma pesquisa aqui; a Potássio vem trabalhar para cá, o pessoal de lá e aí a gente que trazer esse documento assinado, para comprovar que nós fizemos o trabalho'. Aí, tudo bem, eu peguei e assinei, eu não sabia mesmo. Quando foi outra vez, ele veio de novo. Tornou colocar o papel bem ali pra mim assinar. Falou a mesma coisa.

Procurador: E quem era esse Tom?

J.S.E.: É, um tal de Tom. Não sei quem era.

Procurador: Mas se identificava como da Potássio, é isso?

J.S.E.: É. De lá. Aí, quando foi num outro dia, não veio mais ele. Veio já um baixote assim, um tal de Francisco. Veio aí também. Conversando, conversando, e aí tocou no assunto. Disse que estão fazendo isso também: queria que eu assinasse o papel para comprovar o trabalho que eles estavam fazendo. Aí, eu disse tá bem, vou assinar o papel. Peguei e assinei. Aí, eles foram embora.

Procurador: Eles pagavam alguma coisa ou só pedia para assinar? Como é que era?

J.S.E.: Não, só pedia para assinar. Aí, depois não veio mais. Aí, veio já o Wenderson, um altão, assim. Chegou aqui e conversou muito comigo. Aí, tocou no assunto, que estavam fazendo esse trabalho aí da Potássio e que queria que eu assinasse o papel dele, que era para provar que eles estão trabalhando, no trabalho. Mas ele não disse que iam de casa em casa. Já estavam eram escolhidas as casas que eles iam. Aí, eu assinei o papel pra ele. Ainda eu disse assim, que eu não ia assinar e ele disse: 'Não, o senhor tem que assinar'.



Aí, eu peguei e assinei. Daí, ele foi embora. Em poucos dias, ele veio de novo. Tornei a assinar o papel pra ele. Aí não veio mais, parou.

Um dia, aí, apareceu o Danilo. Um magro, assim.

Procurador: Tudo da Potássio?

J.S.E.: Tudo da Potássio. Veio, ele conversou comigo bastante. Ele sentou bem ali e ficou conversando, conversando, conversando: “Sr. Jair, eu vim aqui com o senhor comprar o seu terreno”. ‘Comprar o terreno?’, eu disse pra ele. “É, sr. Jair, eu vim comprar o seu terreno”. ‘Eu não vendo, não’, eu disse. “Por que o senhor não vende?”. ‘Porque eu não quero vender. Você acha que eu vou dispor daquilo que eu tenho, que é o meu terreno, e é só aquilo que eu tenho? Não vou vender, não’.

Procurador: O terreno do senhor o senhor usava para quê?

J.S.E.: Pra plantar roça. Plantava macaxeira, plantava batata, cará; plantava banana. Na época, nunca faltou pra nós banana aqui e nem roça também. Hoje em dia, se eu quiser, eu compro. A situação ficou difícil pra mim.

Aí, ele conversou, conversou e: “Quer dizer que o senhor não vende o terreno?”. Eu disse: ‘Não, não vendo, não. Não tenho previsão de vender o terreno, não’. “Tá bom, então”. Aí, ele foi embora. Com três dias, ele apareceu aqui de novo: “E como é: vamos fazer o negócio com o terreno? Eu me interesso em comprar o seu terreno”. Eu disse: ‘Rapaz, eu não tenho previsão de vender o meu terreno. Pra que vender o meu terreno? Foi ali que eu comecei a minha vida, trabalhando, e é daí que eu tiro o meu pão de cada dia, que eu criei todos os meus filhos. Estão tudo aí trabalhando... (*incompreensível*). Eu não quero vender ele, não. Eu não tenho outro’. Aí, ele disse: “Não, mas tem que vender o terreno!”. ‘Pra quê?’. “Porque a Potássio está precisando”. ‘Eu não estou sabendo disso, não. Eu quero saber que eu não vou vender mesmo’. “Não, mas o senhor tem que vender. Se o senhor não vender, o senhor vai perder”. ‘Por que, perder?’. “Porque a Potássio vai precisar e aí, se o senhor não vender, o senhor vai perder e *dispôs*, nem que o senhor queira ficar lá, pra plantar, não vai mais prestar pra plantar a maniva; não vai prestar pra plantar o cará, nem batata e nem banana, porque a terra vai secar e não presta. E aí, se o senhor teimar, o governo vai dar o despejo pra vocês. E sem vocês estar no terreno”. Aí, eu disse: ‘Não, eu não vendo, não’. Aí, ele foi embora.

Eu contei pros meninos; eu contei pros meninos que estavam aqui...

Procurador: Seus filhos?

J.S.E.: É. Aí, eles disseram assim: “Papai, é melhor o senhor vender esse terreno, porque ele disse que o senhor vai perder e aí, se a gente perder... Eu disse: ‘Não, eu não quero vender, não, meu filho. Pra onde que eu vou vender? Todas as terras que tem é ocupada. Eu não vou vender, não’.

Quando foi um dia, ele mandou recado que ele vinha aqui. Lá, veio, mesmo! Ele bateu e conversou, conversou e disse: “Não, sr. Jair, eu vim aqui pra gente negociar o seu terreno”. ‘Eu não vendo, não’. Ele disse: ‘Eu já lhe falei que o senhor vai vender, se o senhor não vender. Diga lá quanto que o senhor quer pelo terreno, mesmo que o senhor não queira vender’. Eu disse: ‘O mínimo que eu quero no terreno é 200 mil’. Ele disse: “Ah, não dá pra fazer. Tá muito caro”. Eu disse: ‘Pois é por isso que eu não quero vender!’ Foi isso que eu falei pra ele. Aí, ele disse: “Não, mas nós vamos negociar o terreno. Hoje, eu só saio daqui quando negociar o terreno. Eu lhe dou 110 (*mil*) no terreno. Aí, meu



menino disse: “Papai, é melhor vender o terreno. Ele tá insistindo. Pode nós perder, aí”. Eu fiquei imaginando...: ‘Rapaz, eu não vou vender, não’. Ele disse: “Não, venda o terreno, que eu compro. Tô pronto pra comprar e pagar”. Aí, eu disse: ‘Não vou fechar o negócio, não’. Aí, ele conversou, conversou e foi embora.

Quando foi um dia, o menino tava lá pra Autazes, aquele mais velho. Ele veio de lá: “Papai, o sr. Danilo, eu falei com ele lá. Mandou recado pro senhor e disse que ele já vem e vem pra pagar o seu terreno”. ‘Rapaz, eu não fechei negócio com ele, não’. “Mas ele vem pra pagar. Ele disse que vai pagar o terreno”. Quando... (*incompreensível*), ele chegou aqui, mesmo. Ele acabou comprando o terreno. Aí, eu vendi pra ele.

Mas, hoje em dia, um dia desses eu tive conversando aqui e eu já conversei com várias pessoas, que não ficou bom mais pra mim, não. Ficou muito ruim. Eu tava falando com um rapaz que mora bem ali: ‘Rapaz, a minha vida desandou. Nunca mais que é como era’. Eu digo: ‘Eu tava trabalhando bem, eu tava aí sossegado; não tinha perturbação de sair pra outro canto pra ir procurar pra onde morar e hoje em dia a vida é essa. Pra gente ir lá pra dentro do rio Preto, é muito longe. A gente faz uma despesa violenta pra ir pra lá. E é nessa peleja. Atrasou tudo. Aí, eu fico imaginando os outros colegas também que têm criança pra criar e eu sei que eles não tão passando uma boa vida também.

Procurador: Muita gente vendeu também, como o senhor?

J.S.E.: Vendeu.

Procurador: Essa fala aí que eles iriam perder o terreno também, aconteceu com esses outros também? O senhor sabe? Eles conversaram com o senhor?

J.S.E.: (*consentiu com a cabeça*) O Paulo vendeu. Hoje em dia, está morando em um pedacinho de terra bem ali.

Procurador: E essas plantações que o senhor tinha no terreno, não pôde mais plantar lá? Como é que ficou?

J.S.E.: Não, não plantei mais, não.

Procurador: Teve que sair?

J.S.E.: Ficou tudo pra lá. O que tinha pra tirar, nós tiremo. O negócio de roça, assim, a gente tira.

Uma voz de mulher fora do quadro: Não tem mais nada lá, só é mato.

Procurador: Não tinha fruteira lá?

Uma voz de mulher fora do quadro: Tinha. Ficou.

Procurador: Ficou lá?

J.S.E.: Ficou: laranja, manga.

Procurador: E faz tempo que vendeu?

J.S.E.: Cinco anos, mais ou menos.

Procurador: E se pudesse hoje, o que o senhor faria?

J.S.E.: Não sei...



Procurador: Com relação ao terreno, assim.

J.S.E.: Rapaz, se eu voltasse de novo a conseguir, pra mim não tinha melhor coisa, porque a gente aqui, eu vou lhe dizer uma coisa: se essa empresa começar a trabalhar aqui, vai mudar tudo. Vai mudar e muita gente vai sofrer. Eu tenho certeza. Vai sofrer. Porque isso aqui, seca. Só fica o curso maior ali embaixo e pra li. E quando alaga, a água vai bem ali, olha. Isso aqui é alagado.

Procurador: E muita gente deixou de plantar roçado porque vendeu?

J.S.E.: Muita gente. Os que venderam, deixaram.

Procurador: E estão sobrevivendo como?

J.S.E.: Rapaz, eles foram embora para cidade.

Procurador: E vocês são do povo Mura também?

J.S.E.: *(consentiu com a cabeça).*

(fala de uma senhora incompreensível. Entendi apenas: Lá, pro rio Preto. É longe).

J.S.E.: Lá é muito diferente do que pra cá. É difícil de tudo.

Procurador: E essa venda do terreno, teve papel? Teve assinado alguma coisa? Como foi a venda?

J.S.E.: Foi. Foi assinado.

Procurador: O senhor tem aí os papéis?

J.S.E.: Eu não tô nem lembrado por onde anda...

(Voz da senhora: tem sim, tá dentro de um negócio ali por dentro, não sei mais por onde).

Procurador: Então foi assinado, tipo, algum tipo de contrato?

(Voz da senhora: Contrato?).

Procurador: É, algum papel para vender o terreno.

(Voz da senhora: Ele assinou aí um bocado de papel).

Procurador: Da venda, eles assinaram algum papel? Como ficou? Ou foi só de boca?

J.S.E.: Não, foi só. Ninguém não assinou, não.

Procurador: De vender, não houve assinatura?

J.S.E.: Não.

Procurador: Foi só de boca?

J.S.E.: Foi só de boca.

Procurador: Esses papéis que vocês têm aí é do quê?

J.S.E.: Se ele tem algum papel é desses que nós assinava aqui.



Procurador: Ah, ali, antes de vender? Então, na hora de vender foi só de boca?

J.S.E.: É.

(Voz da senhora: É porque ele assinava. Sempre ele vinha e ele assinava, assinava).

J.S.E.: É, só era os papeis que ele vinha aqui na porta e pedia pra assinar.

Procurador: O senhor sabe o que eram esses papeis que o senhor assinava? O senhor leu?

J.S.E.: Não. Eu sempre digo: 'rapaz, eu acho que esses papel que a gente assinava ele já tava cercando pra me comprar o terreno'.

Procurador: Então, o senhor não chegou a assinar, que o senhor sabe, nenhum papel da compra do terreno, em si.

J.S.E.: Não. Isso daí eu não sei.

Procurador: Então, foi só de boca?

J.S.E.: De boca foi isso daí que eu falei ainda agora.

Procurador: Muito bem. O senhor quer falar mais alguma coisa em relação a isso aí? Como está a situação do empreendimento aqui, alguma coisa assim?

J.S.E.: É, porque a gente tá sabendo que a gente não tá ficando com uma boa vida mais, não. Com esses negócios desses aperreios deles de vem pra cá e aí pra mim não ficou mais bom, não.

Procurador: Mas mudou muito de quando não tinha a Potássio para hoje?

J.S.E.: Mudou. Deus o livre! Mudou muito.

Procurador: Por causa de quê?

J.S.E.: Mudou por causa que, muita gente, os outros colegas que tinham terreno aqui, a gente trabalhava muito aqui, só a gente mesmo.

Procurador: Trabalhava cada um no seu ou se ajudavam?

J.S.E.: Cada um no seu. Fazia a sua roça, plantava. A gente ajudava o outro também. Se ajudava.

Procurador: Ah, fazia mutirão também?

J.S.E.: É, fazia mutirão. Era bacana essa espécie de trabalho e agora, não.

Procurador: Quase que acabou tudo, né?

J.S.E.: É, acabou-se. Se quiser comprar farinha, vai lá na cidade. Difícil. É assim que ficou. Por isso que eu digo que mudou. Eu tive uma satisfação do rapaz que trabalhava lá. Um dia ele teve aqui. Falou muito comigo. Falou primeiro com o rapaz ali da frente. Ele disse que queria bastante falar comigo. Aí, ele queria saber quem que foi que fundou esse festa aqui. Ele não sabia pra que que era. Aí, eu disse pra ele que era o meu bisavô que fazia essa festa. Era uma festa particular. Só dele mesmo, que ele fazia.

Procurador: Ah, é, é? É daqui mesmo o seu bisavô também?



J.S.E.: É. Era, daqui. Aí, foi, trabalhou, trabalhou e *dispôs* ele tinha os filhos dele. Eram três filhos homem, parece: era o Raimundo, o Antonio, o Termiano e o Ramiro. Quatro. Tinha as filhas. Filhas ele tinha um bocado. Aí, ele, *dispôs* que ele já tava doente, que tava quase morrendo, mesmo, ele pediu para os filhos dele que não acabassem a festa dele. Que ele morresse e não acabasse a festa. Aí, eles ficaram preparando. Ele morreu e eles ficaram trabalhando na festa e todos os anos eles faziam. Era em 25 de julho a festa.

Procurador: Era de qual festa? Era de santo?

J.S.E.: Era. É por isso que hoje em dia ainda existe essa capela aí. E aí, ele disse isso aí pros filhos dele e eles continuaram a fazer a festa. Quando foi um tempo, passou a ser Irmandade. Tinha presidente, coordenador...

Procurador: Qual é o santo?

(Voz masculina fora de quadro: São José e Santa Ana).

J.S.E.: Aí eles faziam essa festa aí. Muitos tempos, apareceu um rapaz aqui, com um papel assim, que ensinava a formar comunidade. Ele informava bem como era. Aí, nós pegamos o processo. Aí, passou a ser comunidade. Foi feita uma reunião grande e aí foi mudando, tinha presidente, vice-presidente, essas coisas. Continuava na festa, na festa, na festa. Aí, quando chegou o tempo que eu queria me aposentar, aí, nós fomos, fomos na lancha lá em Autazes. Chegamos lá, preparei o documento e aí nós fomos pra lá. Chegou e encontramos um velhão moreno, ignorante que só. Ele disse assim pra mim: "O que que você veio fazer aqui?". Eu disse assim: 'Eu vim trazer esse papel aqui pra ver se vocês resolve o meu problema'. E ele pegou o papel, olhou o papel e disse assim: "Você se aposenta quando você tiver 20 documentos". Eu: 'Eu tô correndo atrás do dinheiro e agora de 20 documentos, o que que eu vou fazer? Não vou ter o que fazer'. Aí, nós fomos na FINAL, eu e um filho meu. Lá, nós conseguimos aposentar.

Procurador: Tem a certidão da FUNAI, né? Faz tempo já que o senhor se aposentou?

J.S.E.: Já. Já tô com um bocado de anos.

(Voz da senhora: ... já tem 20).

Procurador: Mais de 20 anos, então?

J.S.E.: Nós falamos com ele e perguntamos dele se era muito difícil de conseguir uma aldeia aqui no Soares. E ele disse assim: "Sr. Jair, aqui já era uma aldeia, há muitos anos. Sabe como chamavam para aquela festa lá, quando iam fazer a festa?". Eu disse: 'Eu sei'. "Como que era", ele disse. 'Era festa dos Pardal. Ele disse: "É isso aí, mesmo". Ele disse: "Eu fui muitas vezes lá, conheci o Marco". E o Marco era o meu pai. "Conheci o Raimundo, o Antonio, o Ramiro, o Fuviano, conheci todos eles. Eu ia pra lá. Só que nunca apareceu uma pessoa aqui pra procurar o direito pra reconhecer ela. E agora, como o senhor veio procurar os direitos, já encontrou. Nós vamos fazer o levantamento e aí, pronto".

Procurador: Foi na mesma época em que o senhor estava procurando a aposentadoria, então? Ah, aí, então, dá início à questão da delimitação, da reivindicação...



(Voz masculina, fora de quadro: Em 99 foi feito o levantamento das famílias, né? O senhor lembra? Só que a partir de 2002, aí, que o DSEI começou a participar, trazendo a saúde).

Procurador: Ah, então o DSEI está aqui desde 2002? Faz mais de 20 anos, então. Entendi. Muito antigo, né?

J.S.E.: Aí, nós trabalhamos aí, trabalhamos, trabalhamos, aí *dispôs* o meu filho saiu e entrou outro rapaz pra trabalhar. Nós fomos lá pra cidade pra pedir a demarcação. Ele garantiu que ia ter a demarcação pra nós e engavetaram, que até hoje.

Procurador: E antes disso, vocês não sabiam que dava para ir atrás da demarcação? Foi descobrir quando o senhor foi buscar a aposentadoria na FUNAI.

J.S.E.: Não.

Procurador: Mais alguma coisa que o senhor queira acrescentar?

J.S.E.: Não. Eu acho que é só isso mesmo.

Procurador: Tá bom, então. O senhor acha que é melhor, então, voltar a fazer o roçado?

J.S.E.: Pra mim, é melhor. Muito melhor. Tem muita gente aqui que acharam que tá ruim. Porque tem muita gente, eu sempre falo isso. Teve uma reunião ali e pra muita gente não ficou bom isso. Mas na hora de falar, coloca uma coisa na boca e não fala.

(Voz masculina fora do quadro: Tem medo)

Procurador: E por que tem medo?

J.S.E.: Não sei, não falam. Agora, o meu jeito é esse, mesmo. Pode ser aqui, pode ser aonde for: se for preciso eu falar, embora errado, mas vai sair.

Procurador: Tá bom. Obrigado.

PARTE 2: 1'19

Eles furaram ali, furaram pra ali, fizeram outro furo pra cá, fizeram um bem ali nessa ponta e olha, meses eles trabalhando aí, eles furando. Depois de passado um tempo, foi proibido e eles não mexeram mais. O que eles fizeram? Eles vieram lá e foram tirar ouro. Cavaram dessa fundura assim. Toda aquela parte para ali eles furaram. Aí, nós contemos para o Sérgio e o Sérgio foi verificar com o rapaz lá. Eles foram lá e aí proibiram e eles pararam. O que eles fizeram? Eles entraram tanto nos terrenos que eles tinham comprado como nos outros que não compraram. Plaquearam tudinho com umas plaquinhas assim. Todos aqueles paus dentro dos terrenos deles, para não cortarem nenhuma vara.

(Voz masculina fora do quadro: Isso já foi depois do processo).

Procurador: O processo da compra?

J.S.E.: Não, das plaquinhas na madeira.



Procurador: Mas o que é essa plaquinha?

J.S.E.: Eu não sei.

Procurador: Ah, a plaquinha na madeira? Ah, levantamento. Deve ser o negócio do EIA. Tá bom, então.

PARTE 3: 00'20

Procurador: Toda hora passa, né?

J.S.E.: Eles falando que nós não queria aceitar a empresa trabalhar aqui. Por que não aceitar? Porque eles moram lá longe, lá longe do minério. Se tivesse perto, eu ia dizer: já veja aqui.

Procurador: Se fosse no quintal dele, né?

J.S.E.: *(Consentiu com a cabeça).*

